

Sem reserva

FÁBIO PAHIM JR.

A inflação ameaça o feijão-com-arroz de Mailson e Abreu

• A ameaça inflacionária de curto prazo pressiona o ministro da Fazenda e a política do feijão-com-arroz. Quanto mais inflação, mais ténue a trégua obtida por Mailson Ferreira da Nóbrega. E a chegada de um técnico qualificado à Seplan, com formação e conhecimento da burocracia e, principalmente, idéias semelhantes às suas, corresponde apenas a um acréscimo. Não decisivo. Poderá existir a dupla Mailson-João Batista de Abreu, agindo em conjunto. Mas não há qualquer certeza de que disponha de força par segurar um jogo em que está envolvido o poder formal maior.

• Com o que conta a Fazenda? Com uma pequena esperança, e uma disposição de trabalho sobre questões técnicas, em especial orçamentárias e de dívida externa. Um economista muito próximo de Mailson relata a mudança em relação a gestões anteriores: "A questão partidária saiu de cena. Não domina e sequer ocupa as reuniões técnicas. Não se discute mais como Ulysses reagirá se o caminho escolhido parecer chocar-se com idéias partidárias".

• Outro economista que viveu o dia-dia palaciano, o ex-assessor presidencial Luís Paulo Rosenberg, tem uma palavra positiva: "Mudou muito o clima. A incerteza com o PMDB no comando esfumou".

• Mas há muito pouco a permitir otimismo. O movimento de realização de lucros no mercado acionário antecipa as dificuldades para a manutenção da alta das ações mesmo que as Bolsas dêem sinal de firmeza e os preços dos papéis sejam muito baixos. A inflação, elevando a taxa do overnight ao nível projetado de 16,7% sexta-feira, tendendo para cima, estimula a concentração ainda maior de recursos nesse segmento e não na Bolsa. O mercado paralelo está fraco: também não resiste à elevação dos juros, ainda que nominal.

• Os mercados têm uma influência importante sobre o estado de espírito, ajudan-

do a vencer (ou a perder) a batalha psicológica. A alta dos preços das ações ajuda o prestígio da Fazenda. A alta dos juros no overnight atrapalha.

• Se a inflação ganhar velocidade, como se teme, uma questão crucial irá impor-se: as pressões por um novo choque heterodoxo. Por que? Quanto maiores a inflação e os juros, maiores os riscos de inadimplência em escala, afetando as instituições financeiras e, naturalmente, as empresas endividadas. Mailson pode ter horror a um choque. Com inflação maior, porém, sofrerá pressões crescentes.

• Daí a ironia de um economista de São Paulo, que viveu de perto o período Bresser Pereira: "O estoque de feijão e arroz pode não dar até março". Em suas projeções, com um choque a inflação de 1988 poderia contentar-se com 400%. Sem choque, poderia passar do dobro desse percentual.

• O Orçamento é outra pedra no sapato da Fazenda. "É como se o alfaiate lhe entregasse, em lugar do terno pronto, um conjunto de tiras de pano", afirma um professor da FGV-São Paulo.

• A crítica ao Orçamento é generalizada. "Todo o modelo de orçamento no Brasil precisa ser urgentemente modificado". Afirmação do ex-titular da Sest-Secretaria de Controle das Estatais, Antoninho Marmo Trevisan. Para quem o regime de caixa é muito precário, por desprezar as repercussões futuras das decisões presentes. Caso da Previdência Social, que vinha apresentando uma ilusão: um superávit momentâneo. Desprezando totalmente o potencial futuro de déficit.

• Trevisan recomenda a leitura de Fra Lucca Paccioli que, em 1490, portanto há cinco séculos, inventou o sistema de partidas dobradas.

• Entre os focos de pressão de curto e médio prazo estarão a conta de correção monetária integral nos financiamentos

agrícolas e nas operações com pequenas e médias empresas. Mais inflação, e vem atrás a perspectiva de enormes subsídios. E o campo da Fazenda fica minado com eleições municipais.

• Quem aposta em inflação estável — repetindo-se em fevereiro o número de janeiro — ampara-se na desaceleração da economia. E na fraqueza de mercados. Como o da carne, que era vendedor a Cz\$ 1.050,00 a arroba na última semana, contra Cz\$ 1.490,00 em novembro e depois de uma queda contínua em dezembro. "A inflação só se acelera se as empresas derem reajustes salariais acima da URP, por antecipação ou nos dissídios", prevê Carlos Alberto Longo, professor da FEA-USP.

• Para a hipótese de que Mailson impeça uma recaída heterodoxa: "Vai precisar criatividade na teoria ortodoxa. Não será fácil". Advertência de Luís Paulo Rosenberg.

• Crescimento econômico superior a 2% este ano. Previsão de 77% dos 621 executivos e empresários do setor siderúrgico pesquisados pelo Inda-Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço. São 92% os favoráveis a eleições presidenciais em 1988.

Última

• O consultor e professor da FGV-Rio Alberto Sozin Furuguem não acredita que o custo da corrupção seja um fator decisivo na avaliação do déficit público. É uma opinião de quem conhece a fundo as finanças públicas. Aliás, Furuguem prefere usar a expressão informalidade para qualificar o desarranjo contábil que persiste nos orçamentos públicos. A Seplan deu o exemplo: na revisão orçamentária do final de 1987, manteve os valores antigos no item despesas com pessoal como se os salários nominais fossem ficar constantes. O ex-ministro Bresser denunciou. Com razão.